Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/05/2021 a 20/05/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]

[1] **Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).**

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
14/05/2021	16,03	423,50	68,41	7,27	6,85
17/05/2021	15,87	414,90	68,97	6,99	6,52
18/05/2021	15,74	410,80	68,67	6,98	6,58
19/05/2021	15,38	403,20	66,47	6,79	6,58
20/05/2021	15,33	401,10	65,76	6,75	6,64
Média	**15,67**	**410,70**	**67,66**	**6,96**	**6,63**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos **bushel de milho= 25,40 quilos**
Libra peso = 0,45359 quilo **tonelada curta = 907,18 quilos**
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA	Média*	
RS – Panambi	**163,50**	
RS – Não Me Toque	**162,50**	
RS – Londrina	**158,00**	
PR – Cascavel	**158,00**	
MT – C.N.Parecis	**162,00**	
MS – Maracaju	**158,00**	
GO - Rio Verde	**164,00**	
BA – L.E.Magalhães	**159,00**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**95,00**	CIF
Porto de Paranaguá	**86,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**S/C**	
RS – Panambi	**92,00**	
SC – Rio do Sul	**92,00**	
PR – Cascavel	**91,00**	
PR – Londrina	**88,00**	
MT – C.N.Parecis	**81,00**	
MS – Maracaju	**92,00**	
SP – Itapetininga	**103,00**	
SP – Campinas	**105,00**	CIF
GO – Rio Verde	**87,00**	
GO – Jataí	**87,00**	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	**84,00**	
RS – Não Me Toque	**84,00**	
PR – Londrina	**83,00**	
PR – Cascavel	**84,00**	

Período: 19/05/2021
S/C=Sem Cotação.
(*) Valor de compra.
(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 20/05/2021

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**91,74**	**166,59**	**83,50**

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 20/05/2021

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**84,63**
Feijão (saco 60 Kg)	**282,14**
Sorgo (saco 60 Kg)	**66,00**
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**6,04**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**1,91****
Boi gordo (Kg vivo)*	**10,11**

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias
(**) Ref. Abril/21 - média cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago recuaram fortemente nesta semana. Com importante movimento vendedor por parte dos Fundos, o bushel fechou a quinta-feira (20), para o primeiro mês cotado, em US$ 15,33, contra US$ 16,12 uma semana antes. Em uma semana o recuo foi de quase um dólar por bushel.

A bolha especulativa teria estourado? Ainda é cedo para se afirmar isso. O movimento, por enquanto, deve ser visto como um forte ajuste técnico na medida em que houve chuvas nas regiões produtoras dos EUA. Por enquanto, o quadro exige cautela, pois o clima continuará sendo um elemento decisivo naquele país até setembro. Além disso, é bom lembrar que, mesmo diante de safra normal, os estoques finais estadunidenses, para 2021/22, continuarão muito baixos. Mas não há dúvida de que o movimento baixista da semana deu um sinal importante ao mercado.

Além do clima, os preços do óleo e do farelo também recuaram. O primeiro caiu 3,6% em dois dias, enquanto o farelo perdeu 10,6% de seu valor em cinco dias. O recuo do óleo está ligado as baixas nas cotações do petróleo no mercado mundial, enquanto o farelo sofre influência do movimento chinês de rolar suas compras de soja para meses futuros, diante das apertadas margens de esmagamento que suas indústrias vêm enfrentando. Afora isso, a peste suína africana na China continua a pressionar o mercado, tendo por adição a nova estratégia chinesa de modificar a composição de suas rações animais, a fim de utilizar menos farelo de soja e milho nas mesmas.

Dito isso, o plantio da soja nos EUA, até o dia 16/05, atingia a 61% da área esperada, enquanto a média histórica é de 37% para esta data. Do total semeado, 20% já emergiram, contra 12% na média histórica.

Por sua vez, na semana encerrada em 13/05, as exportações estadunidenses de soja somaram 308.818 toneladas, superando o esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial as exportações estadunidenses da oleaginosa somam 56 milhões de toneladas, ficando 90% acima do exportado em igual período do ano passado.

Por outro lado, a Associação Nacional de Processadores de Oleaginosas dos EUA indicou que em abril o país esmagou 4,36 milhões de toneladas, sendo este o segundo menor volume em 19 meses. Em março, o esmagamento havia sido de 4,84 milhões e em abril de 2020, de 4,68 milhões de toneladas.

Já no Brasil, com o recuo de Chicago, associado a prêmios portuários ao redor de zero e um câmbio em torno de R$ 5,25 a R$ 5,30, os preços médios da soja igualmente recuaram. A média gaúcha, no balcão, ainda ficou em R$ 166,59/saco, porém, praças importantes pagavam entre R$ 162,00 e R$ 163,00/saco. No restante do país os valores médios fecharam a semana entre R$ 158,00 a R$ 164,00/saco.

Em termos de exportações, o país caminha para exportar o maior volume de soja, desde 2014, para os EUA, que é o segundo produtor mundial da oleaginosa, devido aos seus curtos estoques. Nos próximos dias espera-se embarcar 238.000 toneladas com destino aos EUA através dos portos do norte do país (Barcarena, Itacoatiara e Belém). Geralmente são pequenas quantidades anuais compradas pelos estadunidenses, porém, este ano o volume será maior, após o recorde de um milhão

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

de toneladas exportadas em 2014. Este movimento exportador estaria sendo controlado por empresas ligadas às grandes multinacionais do setor, como a Glencore, a Bunge, Cargill e a Louis Dreyfus, além da processadora norte-americana de carnes Perdue Farms.

Em termos gerais, segundo a Anec, o Brasil espera exportar em maio um total de 16,2 milhões de toneladas de soja, o que seria um novo recorde mensal pelas estatísticas desta Associação. Em maio do ano passado, o país exportou 13,9 milhões de toneladas de soja segundo a Anec. Para o farelo de soja o volume exportado no mês seria de 1,8 milhão de toneladas.

Enfim, vale destacar que a Fecoagro divulgou os números dos custos de produção para a safra 2021/22. No caso da soja os mesmos atingiriam a R$ 4.800,76/hectare, a partir de uma produtividade média de 60 sacos/hectare, o que representa um aumento de 31,78% sobre os custos da safra do ano anterior. Todavia, a relação de troca melhorou, com o produtor precisando, em média, 29,1 sacos para cobrir tal custo, o que significa um recuo de 22,5% sobre o ano anterior. Entretanto, isso se confirmará desde que os preços da oleaginosa se mantenham elevados, já que o estudo levou em consideração um preço de R$ 165,00/saco. Lembrando que a produtividade média gaúcha, nesta safra de soja recém colhida, ficou em 55,4 sacos/hectare.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente recuaram fortemente nesta semana, perdendo quase 60 centavos de dólar por bushel em cinco dias. Assim, o fechamento desta quinta-feira (20) atingiu a US$ 6,64/bushel, contra US$ 7,19 uma semana antes.

Além do clima mais positivo nos EUA, com chuvas importantes nas regiões de produção, o plantio do milho avançou bem, chegando a 80% da área esperada no dia 16/05, contra 68% na média histórica para esta época do ano. Do total semeado, 41% da área já germinou, contra 35% na média histórica.

Por outro lado, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 13/05, atingiram a 1,89 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, as exportações estadunidenses do cereal somam 47 milhões de toneladas no atual ano comercial, volume que é 67% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior.

A China voltou a ser o grande comprador de milho dos EUA, adquirindo 1,36 milhão de toneladas do cereal da safra nova no dia 18/05, levando o total acumulado nas duas últimas semanas a 8,1 milhões de toneladas. Já no dia 19/05 novas compras chinesas, ao redor de 1,36 milhão de toneladas, elevaram o total importado em maio para 9,45 milhões de toneladas de milho. Em janeiro a China já havia comprado 5,85 milhões de toneladas de milho estadunidense, e em março outras 3,88 milhões.

Pelo ritmo atual, as compras de milho pelo país oriental podem chegar entre 26 e 30 milhões de toneladas neste ano comercial. O governo chinês é mais cauteloso e projeta importações de 20 milhões de toneladas.

No Brasil, o retorno das chuvas em regiões da safrinha forçou algumas baixas nos preços do milho. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R$ 91,74/saco, enquanto nas demais praças nacionais o saco de milho oscilou entre R$ 81,00 e R$ 103,00, com o CIF Campinas (SP) se mantendo em R$ 105,00/saco.

Mesmo com as chuvas não sendo suficientes para resolver o problema do déficit hídrico nas regiões produtoras da safrinha, as mesmas seguraram os preços. Por hora, o mercado continua muito atento ao clima, com os vendedores segurando nos estoques o produto disponível. A Conab, inclusive, anunciou que a produtividade média nacional pode recuar 3,3% em relação ao ano anterior.

Neste contexto, no Mato Grosso os preços do milho subiram quase 130% em relação ao ano passado, com o saco do produto atingindo a média de R$ 67,50 em abril de 2021, contra R$ 29,40 em abril de 2020. Este aumento se deve a perspectiva de uma safrinha menor devido aos problemas climáticos. Já para a safra 2021/22, a alta de preço no período considerado ficou em cerca de 93%, com a média de abril atingindo a R$ 56,36/saco. (cf. Imea)

Já no Paraná, a safrinha está com seu plantio concluído, sendo que 51% das lavouras estão em floração. Todavia, o índice das lavouras consideradas boas voltou a recuar, ficando agora em apenas 23% do total, enquanto as lavouras regulares atingem a 46% e as ruins subiram para 31% do total. No final de abril, a projeção para a segunda safra de milho do Paraná foi reduzida em mais de um milhão de toneladas, ficando em 12,23 milhões. (cf. Deral)

Por sua vez, em Goiás os preços recuaram um pouco, na esteira dos recuos na B3 e das expectativas de chuvas. A situação das lavouras goianas está muito preocupante, pois além de 35% das mesmas terem sido semeadas fora da janela ideal, as regiões produtoras não têm chuvas há mais de 30 dias. Tanto é verdade que o potencial produtivo baixou para 100 sacos/hectare, contra 120 a 130 sacos inicialmente projetado. Por outro lado, as áreas que foram semeadas fora da janela ideal já possuem perdas de 50%, chegando a 100% em algumas regiões. (Ifag e Aprosoja-GO)

Enquanto isso, no Mato Grosso do Sul, a produtividade média esperada para a safrinha é de 75 sacos/hectare, o que levaria a produção final do Estado para 9,01 milhões de toneladas. Até o início da corrente semana o Estado contabilizava 40 dias de estiagem. Em tal contexto, apenas 8% das lavouras são consideradas em bom estado, 85% estão regulares e 7% ruins. Em termos de preço, o saco de milho, na segunda semana de maio, recuou para R$ 94,63. Em termos anuais, o preço médio está 140,8% acima do praticado em maio de 2020, que era de apenas R$ 39,75. (cf. Famasul)

Quanto às exportações, segundo a Secex, nos primeiros 10 dias úteis de maio o Brasil exportou 1.186 toneladas de milho, correspondendo a tão somente 0,9% de tudo o que foi exportado em abril pelo país. Em comparação a maio de 2020, o país exportou, nos 10 primeiros dias de maio de 2021, apenas 4,8% do total de um ano atrás. Assim, em comparação ao mesmo período do ano passado, a média diária exportada é 90,5% menor.

Afora isso, nova estimativa da safrinha dá conta de uma produção de 66,2 milhões de toneladas, já havendo perdas de 15,4% para quem apontava um total de 78,3 milhões

e de 19,3% para os mais otimistas, que esperavam um volume final ao redor de 82 milhões de toneladas. E como a maioria das lavouras está em seu estágio crítico de desenvolvimento, o clima se torna decisivo. Não havendo chuvas adequadas nas próximas duas semanas, o volume final deverá recuar mais. Em sendo assim, a safra total de milho no Brasil deverá recuar para 91,1 milhões de toneladas, ficando abaixo das 100 milhões de toneladas pela primeira vez desde 2017/18. Em tal contexto, as exportações brasileiras, em 2021, deverão ficar em 26 milhões de toneladas, contra expectativas iniciais de 35 milhões. E mesmo assim, os estoques finais ficarão bastante baixos no país. Diante de tal realidade, dificilmente os preços ao produtor do cereal irão recuar nas próximas semanas. (cf. Agroconsult)

Enfim, destaque para os cálculos de custo de produção para o milho gaúcho realizados pela Fecoagro. Os mesmos apontam que em 2021/22 o custo de produção será 31,6% superior ao do ano anterior, atingindo a R$ 6.625,43/hectare, a partir de uma produtividade média projetada de 160 sacos/hectare. Mesmo assim, em se mantendo os atuais níveis de preço, a relação de troca será positiva ao produtor, pois recua 35,7% sobre o ano anterior, com o produtor precisando de 75,3 sacos de milho para cobrir os custos. Obviamente, isso somente ocorrerá se a safra for normal e os preços não recuarem após os custos realizados. Lembrando que a safra gaúcha perdeu quase 50% de seu volume em 2020/21 devido a seca, gerando prejuízos importantes para muitos produtores, mesmo com os elevados preços praticados na colheita.

É importante destacar ainda que o mercado do milho, mais dia menos dia, buscará um equilíbrio, com preços mais baixos aos produtores. Isso deve ocorrer em função dos altos custos de produção junto ao setor de frango e suínos. Segundo a Embrapa Aves e Suínos de Santa Catarina, o custo do suíno vivo naquele Estado atingiu, pela primeira vez, o valor de R$ 7,03/quilo, registrando em 12 meses um aumento de 44,6%. Já no frango de corte o custo atingiu no Paraná, em abril, R$ 4,99/quilo vivo, somando em 12 meses um aumento total de 39,8%. Tais custos estavam sendo absorvidos pela exportação, graças a forte desvalorização do Real, já que o mercado interno, devido a baixa renda existente, não absorve tais aumentos no preço final do produto. Com a revalorização da moeda nacional nas duas últimas semanas, também o setor exportador começa a encontrar dificuldades, enquanto os preços internos do frango e do suíno no varejo começam a subir.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram igualmente, fechando a quinta-feira (20) em US$ 6,75/bushel, contra US$ 7,26 uma semana antes.

As condições das lavouras de trigo de inverno, nos EUA, até o dia 16/05, apresentavam 48% entre boas a excelentes, 33% regulares e 19% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera estava com 85% da área prevista semeada, contra a média de 71% para esta época do ano. Da área plantada, 47% estava germinada, contra 36% na média histórica.

Por outro lado, as exportações de trigo, por parte dos EUA, somavam 658.509 toneladas na semana encerrada em 13/05, superando as expectativas do mercado. Assim, o total exportado no corrente ano comercial atinge a 24,4 milhões de toneladas.

Já no Brasil, os preços se estabilizaram, com viés de baixa. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R$ 83,50/saco, enquanto no Paraná o saco do produto oscilou entre R$ 83,00 e R$ 84,00. Neste último caso, a redução foi de quatro a seis reais por saco na semana.

Parte deste recuo no Paraná se deve ao ótimo avanço no plantio da nova safra, com o mesmo atingindo a 26% da área esperada no início da presente semana, após chuvas positivas. Mesmo assim, o plantio segue atrasado já que, no ano passado nesta época, o plantio chegava a 35% da área. Há expectativas de novas chuvas sobre as regiões produtoras do Estado. Com isso, o total de lavouras em boas condições subiu para 71%, contra apenas 30% na semana anterior. Assim, apesar de a situação ainda preocupar, as projeções continuam indicando uma safra final de trigo no Paraná de 3,8 milhões de toneladas, em boa parte devido ao aumento da área semeada. (cf. Deral)

Por sua vez, a Conab, em seu último relatório mensal, aponta que a área de trigo no Brasil deve crescer 4,9% neste ano, chegando a 2,46 milhões de hectares. Em tudo correndo bem, a produção final poderá atingir a 6,64 milhões de toneladas, com um aumento de 6,5% sobre o ano anterior, na medida em que a produtividade média será de 2.702 quilos/hectare (45 sacos/ha), aumentando 1,5% sobre a média do ano anterior. Somente o Sul do país deverá semear 2,2 milhões de hectares, ou seja, cerca de 90% da área total esperada. O Paraná deverá atingir a 1,16 milhão de hectares, enquanto o Rio Grande do Sul pode chegar a 986 mil hectares. Mas há analistas privados que avançam uma área de até 1,1 milhão de hectares. Neste contexto, a área gaúcha pode aumentar entre 6% a 15% sobre o ano anterior. Já Santa Catarina espera manter os 61.100 hectares semeados com trigo do ano passado.

No Sudeste, Minas Gerais deverá chegar a pouco mais de 86.000 hectares, enquanto São Paulo atingiria a 85.500 hectares semeados com trigo. No Centro-Oeste, Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal devem somar 65.600 hectares com trigo neste ano. Somente em Goiás o aumento da área será de 138%, com a mesma passando a 55.000 hectares. E no Nordeste, a Bahia estima semear 3.000 hectares com trigo irrigado, a partir de junho.

Quanto ao mercado externo, nos primeiros quatro meses do corrente ano o Brasil importou 16% menos trigo, atingindo a 2,2 milhões de toneladas, sendo que o Paraná, mesmo produzindo, importou 7% deste total. Geralmente a importação paranaense vem da Argentina e do Paraguai. Neste ano, por enquanto, o Paraguai vendeu 95.400 toneladas e a Argentina 64.800 toneladas ao Paraná. Enquanto o trigo argentino chega principalmente pelo porto de Paranaguá, a totalidade do trigo paraguaio vem de caminhão. Quanto às exportações de trigo pelo Brasil, no ano comercial passado (agosto/19 a julho/20) o país exportou 342.000 toneladas. Já neste ano, entre agosto/20 até meados de maio/21, exportamos 823.000 toneladas do cereal. Mesmo não devendo ter grandes alterações até julho, momento de encerramento do atual ano comercial, o volume total será mais do que o dobro do ano anterior. A exportação se dá particularmente com trigo gaúcho, já que o produto do Paraná abastece São Paulo e outros Estados.

Enfim, também para o trigo gaúcho a Fecoagro revisou seus cálculos de custo de produção. Assim, para a safra 2021 o custo sobe 29,8% em relação ao ano anterior, com o mesmo ficando em R$ 4.240,09/hectare. Mesmo assim, diante dos atuais

preços, a relação de troca fica favorável ao produtor, pois recua em 19,3% sobre o ano anterior, com o produtor gaúcho precisando de 51,7 sacos por hectare para cobrir tal custo. Evidentemente, isso se a produção for normal e os preços não recuarem mais adiante.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br